

17/4/58

RUBEM BRAGA

COCAÍNA

ANTÔNIO MARIA escreveu em «O Globo» sobre a facilidade e a tranqüillidade com que se vende, se compra e se toma cocaína em S. Paulo. Pessoas conhecidas se entregam a êsse vício praticamente em público, e a polícia aparentemente nada faz para evitar isso.

Não é de hoje que tenho ouvido histórias a êsse respeito; o que Antônio Maria escreve é estritamente verdadeiro. O mesmo acontece, embora com mais discreção e em escala menor, no Rio. Aqui também não seria difícil citar nomes de viciados nem endereços onde se pode comprar a droga. Não o farei — como Antônio Maria não o fez — mesmo porque cronista é cronista e não policial. E a polícia, se quiser realmente agir, não terá nenhuma dificuldade em saber de tudo o que precisa saber para dar combate ao vício. Mesmo porque muitos cocainômanos são grandes falastrões...

Sobre cocaína, morfina, heroína, ópio, etc., já se escreveu muito, e principalmente muito má literatura. E de vez em quando ainda se faz, na imprensa, reportagens sensacionalistas, com aquêlo palavreado característico e aquêlo ar de mistério, aquêles «antros», aquêles «êxtases», aquêlas «perdições». A verdade é que muita gente boa que eu conheço já andou fungando a coca sem maiores desgraças, porque reagiu a tempo. Isso não quer dizer, entretanto, que a polícia deva ficar de braços cruzados. Homens e mulheres de valor, que poderiam ser pessoas úteis, se desgraçam totalmente — enquanto outros enriquecem com o comércio da droga. Meu temor natural, ao chamar a atenção da polícia para a expansão do vício, é que ela vá agir, como freqüentemente faz, com espalhafato e sem eficiência, fazendo escândalo com o nome de pessoas estimáveis e não atingindo os verdadeiros criminosos, que são os fornecedores do pó.

O ideal — e aqui deixo esta sugestão ao general Krueel e ao governador Jânio Quadros — seria empreender uma investigação rigorosamente secreta e evitar a ação dos fornecedores e distribuidores da droga — muitos dêles, aliás, também viciados. Uma campanha discreta e séria acabaria por liquidar as rodas do vício e sobretudo evitar que elas se expandam, como está acontecendo. Isso não daria nenhum cartaz à polícia, mas seria um belo serviço prestado à sociedade. Dá pena vêr gente boa estragando a vida com «prises» que dão euforia e lucidez por momentos, mas acabam por levar a pessoa até o grau da mais humilhante avacalhão.